

A Arte de Fazer Amigos

Como o Partido Comunista chinês seduz os partidos políticos na América Latina

Juan Pablo Cardenal

© 2021 KONRAD-ADENAUER-STIFTUNG e. V.

FUNDACIÓN KONRAD ADENAUER
Plaza Independencia 749, of. 201, Montevideo, Uruguay
Tel.: (598) 2902 0943/ -3974
E-mail: info.montevideo@kas.de
www.kas.de/uruguay
@KASMontevideo

Diretor

Sebastian Grundberger

Subdiretor

Thomas Schaumberg

Revisão

Alejandro Coto

Imagem de capa

Shutterstock

Disign e montagem

Taller de Comunicación
Obligado 1181, Montevideo, Uruguay
www.tallerdecomunicacion.com.uy

DIÁLOGO POLÍTICO é uma plataforma que facilita o diálogo democrático entre influenciadores políticos sobre questões relevantes na América Latina, com base nos valores de liberdade, solidariedade e justiça. Conecta a região com os grandes debates geoestratégicos do mundo. Constrói uma janela para a divulgação dos projetos da Fundação Konrad Adenauer na América Latina.

DIÁLOGO POLÍTICO faz parte do Programa Regional Partidos Políticos e Democracia na América Latina (KAS Partidos). Tem por finalidade reduzir a polarização política por meio de um debate pluralista, construtivo e informado, orientado para o bem comum, a fim de fortalecer o centro político a partir de suas raízes social-cristãs, liberais e conservadoras.

www.dialogopolitico.org - @dplatinoamerica

O Centro para Abertura e Desenvolvimento da América Latina (CADAL) é uma fundação privada, sem fins lucrativos e apartidária, cuja missão consiste em promover os direitos humanos e a solidariedade democrática internacional.

Este artigo é distribuído exclusivamente sem fins lucrativos e no âmbito da cooperação internacional da Fundação Konrad Adenauer. Sua reprodução é autorizada por qualquer meio, com inclusão da fonte.

Conteúdos

A Arte de Fazer Amigos	4
1 O Partido Comunista chinês expande sua diplomacia	4
2 Cultivar influências para legitimar o PCCh	6
3 Objetivo: apoiar a política externa da China	9
4 A tentação das elites: um modelo eficaz de desenvolvimento sem democracia	10
5 Departamento Internacional: aríete da diplomacia do PCCh	12
6 Associações de amizade, o outro pilar das operações de influência	14
7 A modo de conclusão: a missão de decifrar a China	15
Anexo. Encontros do Partido Comunista da China com partidos políticos da América Latina, 2002-2020	16

A Arte de Fazer Amigos

Como o Partido Comunista chinês seduz os partidos políticos na América Latina

Juan Pablo Cardenal*

1 O Partido Comunista chinês expande sua diplomacia

Em abril de 2020, poucas semanas após a COVID-19 começar a causar estragos em todo o planeta, o Partido Comunista Chinês (PCCh) apressou-se em propor uma declaração conjunta de partidos políticos do mundo inteiro, a fim de promover a cooperação internacional contra a pandemia.¹ O texto com dez pontos redigido pelo PCCh mostrava, por trás de uma retórica construtiva, seu verdadeiro propósito. Por um lado, destacava a “atitude aberta, transparente e responsável” da China, como no caso da “ajuda” oferecida pelo país asiático aos países afetados, sob a forma de “suprimentos médicos”.² Por outro, rejeitava a “estigmatização” e os “comportamentos discriminatórios”, uma referência implícita à China em meio às críticas internacionais das quais o regime comunista já era alvo, naquela época, por encobrir o vírus.

Essa não foi a única iniciativa implementada pelo PCCh em relação à crise resultante da pandemia. Como parte da campanha de propaganda global empreendida por Pequim para escapar de sua responsabilidade,³ o PCCh compartilhou durante aquelas semanas sua experiência em relação à

saúde e manteve reuniões virtuais e correspondência com 400 partidos políticos. Segundo a Qiushi, revista de teoria política do PCCh, o objetivo desses intercâmbios era conseguir que os partidos políticos estrangeiros pudessem “avaliar imparcialmente os sacrifícios e a contribuição da China na luta global contra as epidemias e refutar as falsas alegações de algumas forças políticas”.⁴ O esforço do PCCh em divulgar sua versão dos fatos no exterior, por meio de uma declaração conjunta, deu seus frutos, uma vez que, segundo a mídia oficial, contou com o apoio de 240 partidos de 110 países. Um respaldo notável que não está em concordância com o fato de que a lista de signatários nunca foi publicada.⁵

Entre eles, teriam aderido “mais de 40 partidos e organizações políticas” da América Latina,⁶ com a liderança de comunistas e agrupações de esquerda, inclusive o Fórum de São Paulo.⁷ Uma lealdade que, em ocasiões, beira a subserviência⁸ e que Pequim envolve numa retórica de amizade perfeitamente calculada: “Em tempos difíceis é possível comprovar a verdadeira amizade”, disse Fu Jie, vice-diretora do Bureau para a América Latina e o Caribe, do Departamento Internacional do Comitê Central do PCCh. “Os intercâmbios”, prosseguiu, “aprofundaram a amizade, a compreensão e o apoio mútuo” com os partidos políticos latino-americanos. Na linguagem do regime chinês, a amizade é sempre política e tem o significado de uma relação estratégica, impes-

* O autor gostaria de agradecer ao projeto Sinopsis por sua valiosa ajuda no fornecimento de acesso e compreensão das fontes em mandarim.

soal e desinteressada.⁹ Uma assimetria que nem sempre é evidente para seus interlocutores latino-americanos.

A Covid-19 permitiu ao PCCh consolidar uma relação proeminente com seus pares regionais. Mas, mesmo que esses vínculos passem, em grande medida, despercebidos para uma parte das elites políticas e acadêmicas e para os jornalistas da América Latina, os contatos existem há décadas. O primeiro a estabelecer esses laços foi o Partido Comunista Brasileiro, em 1953, apenas quatro anos após a proclamação da República Popular, dando assim início a uma série de visitas de delegações comunistas latino-americanas à China, que fez com que cerca de vinte delas estabelecessem relações com esse país antes de finalizada a década. Afinidades ideológicas à parte, a proximidade atual entre o PCCh e seus camaradas latino-americanos data da época em que, graças a esses laços, a China foi capaz, em parte, de contornar seu isolamento do mundo ocidental.

No entanto, com a ruptura sino-soviética e a consequente cisão do comunismo mundial, a maior parte desses mesmos partidos latinos alinhou-se, sem reservas, com os soviéticos e rompeu com o PCCh. Em consequência, surgiram críticas cruzadas: o partido chinês acusou seus antigos aliados latino-americanos de “revisionistas” e estes últimos acusaram o PCCh de “herege”. Foi somente em 1979 que o Partido Comunista Mexicano, no aniversário dos 50 anos de sua fundação, restabeleceu relações com seus correligionários chineses. E transcorreu ainda quase outra década até que um segundo partido comunista regional, o cubano, fizesse o mesmo em 1988. Além disso, no contexto do degelo político e diplomático que se seguiu à visita do Presidente Nixon à China, em 1972, deixaram de existir impedimentos para que partidos não comunistas também estabelecessem ligações com o PCCh.¹⁰

O primeiro a fazê-lo foi o Partido Revolucionário Institucional (PRI) do México, em 1979. Um ano mais tarde, foi a vez do Partido de Ação Democrática (AD), de tendência social-democrata, do Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (COPEI) da Venezuela, de tendência demo-

crata cristã, e logo após, do Partido Conservador Colombiano. A partir desse momento, e como consequência da crescente importância econômica e política de China como um ator global, o PCCh conseguiu consolidar sua atuação diplomática na América Latina.

Na atualidade, sem distinções ideológicas de qualquer tipo, o PCCh mantém relações formais com cerca de 130 partidos¹¹ e organizações políticas. Sua afinidade política com a progressista Conferência Permanente dos Partidos Políticos da América Latina e o Caribe (COPPPAL), com o esquerdista Foro de São Paulo e o Comitê da Internacional Socialista para a América Latina e o Caribe não o impediu de se relacionar também com a liberal conservadora União dos Partidos Latino-Americanos (UPLA) ou com a Organização Democrática Cristã da América (ODCA). Nessas organizações estão representados 226 partidos políticos e organizações regionais.

As relações institucionais do PCCh com suas contrapartes da América Latina são canalizadas principalmente por meio de visitas de delegações de membros de partidos políticos de ambos os lados do Pacífico, bem como através de convites para viajar à China com despesas pagas. Por iniciativa chinesa, também organizam conferências e seminários sobre assuntos prioritários na agenda de Pequim, assistem reciprocamente aos congressos partidários e promovem a formação - também com financiamento chinês - de jovens líderes e quadros latino-americanos, no país asiático. No contexto da covid-19, a maioria dessas iniciativas foi substituída por reuniões virtuais bilaterais ou multilaterais, o que tem permitido aumentar a frequência das reuniões e o número de participantes.

Devido a própria natureza das videoconferências, o alcance dos eventos do PCCh e sua visibilidade na mídia são agora muito maiores, ajudando a satisfazer duas das principais motivações de sua diplomacia interpartidária. Por um lado, projetar uma imagem positiva da China no exterior e, por outro, dar legitimidade internacional ao partido que monopoliza o poder nesse país. De acordo com dados do Departamento Internacional do

Comitê Central, o PCCh realizou pelo menos 326 encontros com partidos políticos e legisladores dos parlamentos latino-americanos entre 2002 e 2020, numa média de 18 reuniões por ano. Em plena pandemia, foram realizados 24 contatos e encontros, entre janeiro e outubro de 2020 (ver anexo).¹² Com 400 atividades organizadas, por ano, com outras agrupações estrangeiras é difícil imaginar outro partido no mundo que seja capaz de fazer um esforço tão colossal.¹³

2 Cultivar influências para legitimar o PCCh

A divulgação de uma imagem amigável da China e a promoção da equivalência moral entre o PCCh e os partidos políticos democráticos do Ocidente são dois dos incentivos que, juntamente com o apoio aos objetivos de política externa e a contribuição para a construção dos pilares de uma eventual mudança na ordem mundial, explicam a atuação diplomática do PCCh em volta de suas contrapartes políticas da América Latina e do resto do mundo. No entanto, é importante entender que esse impulso faz parte de uma estratégia mais ampla cuja finalidade é aumentar a influência política do país asiático no exterior. O caso da América Latina é paradigmático.

Com sua estratégia internacional de “saída para o exterior”, a China era, no início do século, um ator econômico bastante secundário no continente. Duas décadas depois, tornou-se, por direito próprio, o principal parceiro comercial de um bom número de países latino-americanos no que diz respeito a investimentos, comércio, empréstimos e construção de infraestrutura. Esta ofensiva econômica – é bom lembrar – era liderada por empresas estatais graças aos recursos financeiros do Estado. Por isso, entre as elites econômicas e as políticas latino-americanas, o gigante asiático é percebido não apenas como ineludível, mas também como uma fonte de oportunidades que outros não podem oferecer. Este é um poder econômico já consolidado que não vai mudar.

Pequim acrescenta à influência política, fruto de sua supremacia econômica, o impulso de sua

estratégia de poder suave com características chinesas. Embora, este tipo de poder se baseie, em parte, na persuasão e na atração –segundo a definição clássica de Joseph Nye deste conceito– não faltam autores que especifiquem que se trata, sim, de um “poder incisivo” que incorpora a nocividade e os valores que emanam de seu sistema autoritário.¹⁴ O plano mencionado tem como objetivo corrigir as percepções negativas decorrentes da meteórica ascensão global da China e, ao mesmo tempo, almeja neutralizar o que os líderes chineses acreditam ser um discurso de valores hegemônicos orientado a promover os interesses do Ocidente e a projetar uma imagem negativa da China, divulgada pela imprensa ocidental.

A estratégia, executada graças a recursos econômicos, é implementada por meio de programas que promovem a criação de redes e vínculos pessoais, seja pelo estabelecimento de parcerias institucionais duradouras nas esferas política, acadêmica, midiática e cultural, seja pela via da sedução e atração das elites locais para que apoiem a causa e os interesses da China. Embora este esforço seja inspirado, supervisionado ou executado pelo PCCh, unem-se a ele diversos órgãos do Estado e outras entidades mais periféricas dentro da estrutura do partido-Estado. No âmbito específico da diplomacia política, a organização da cúpula de Pequim, que no final de 2017 acolheu mais de 300 representantes políticos de 120 países, é um bom exemplo do esforço e dos recursos que as autoridades comunistas estão dispostas a investir. No mencionado evento, Xi Jinping anunciou que o PCCh convidaria 15.000 políticos de todo o mundo para visitarem a China no seguinte lustro.

Estes convites têm como principal objetivo expor os visitantes estrangeiros à propaganda do regime, com a finalidade de obter dessa forma seu apoio legitimador. E assim ocorreu quando, na cúpula mencionada, os partidos democráticos concordaram com a cerimônia propagandística ao aderirem a uma lisonjeira declaração conjunta feita pelo PCCh: “Elogiamos o enorme esforço e a grande contribuição do PCCh e de seu líder Xi Jinping em construir uma comunidade para um



Engin_Akyurt, pixabay.com

futuro compartilhado e um mundo pacífico”, reza o documento.¹⁵ Transcorridos seis meses, 500 representantes de 200 partidos de uma centena de países participaram de outra encenação similar, desta vez em Shenzhen. Embora os partidos estrangeiros acreditem que com sua presença e rubricas não arriscam muito capital político,¹⁶ a adesão conseguida serve para Pequim gerar um consenso global a seu favor e para contrabalançar a opinião de quem vê com reservas a crescente influência internacional do gigante asiático.

Isto também ocorre em escala latino-americana. Dentro da programação do encontro de Shenzhen, foi realizado o Segundo Fórum de Partidos Políticos China-CELAC (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos), com a participação de 80 representantes de 58 partidos da região. Na declaração oficial, os signatários latino-americanos expressaram seu “apreço” pelo compromisso da China em convidar anualmente

mais de 200 quadros partidários pertencentes à CELAC, entre 2019 e 2021.¹⁷ Uma promessa que tinha outro precedente: em 2015, durante o Primeiro Encontro do Fórum dos Partidos Políticos China-CELAC, organizado em conjunto com o Movimento Alianza PAIS do Equador, o anfitrião anunciou que convidaria 1.200 quadros latino-americanos para missões de estudo e inter-câmbio.¹⁸ Isso ocorreu ao mesmo tempo que a Liga da Juventude Comunista da China organizava fóruns e estreitava laços com quadros juvenis dos partidos latino-americanos.¹⁹

Os convidados para visitar a China pertencem a todo o espectro político, mas há uma estratégia no processo de seleção que contempla desde governantes em atividade e ex-presidentes até membros de partidos no poder ou na oposição, passando por parlamentares em atividade, líderes de governos locais ou jovens políticos chamados a desempenhar papéis relevantes no futuro. Segundo um lati-

no-americanista da Academia Chinesa de Ciências Sociais, os laços são tão estreitos que alguns líderes de partidos políticos latino-americanos chegaram a ser “convidados a passar suas férias na China”²⁰ De fato, a eficácia dessa estratégia de atração de elites políticas parece indiscutível segundo outro dado ilustrativo, publicado em 2012: nessa data, a China convidou cerca de vinte dirigentes políticos sul-americanos que posteriormente foram eleitos presidentes em suas nações.²¹

Essas viagens à China com gastos pagos têm um efeito hipnotizante em muitos dos convidados. Eles voam em classe executiva, são hospedados em hotéis cinco estrelas e acolhidos com o melhor da lendária hospitalidade chinesa. Contudo, o que realmente os deixa impactados é a combinação da grandiosidade chinesa –os arranha-céus de neon, a vibrante atmosfera comercial, os monumentos míticos e sua cultura enigmática– com os números do chamado “milagre chinês”, que inclui a história da transição do maoísmo para os dias de hoje, as impressionantes infraestruturas, o sucesso na erradicação da pobreza e a cereja do bolo representada pelos milionários chineses ou a próxima chegada à Lua. “Eles compram as pessoas medíocres levando-as para a China, para mostrar-lhes a majestuosidade do país. Quem não tiver um pouco de traquejo, cai de joelhos”, comentou um representante político latino-americano que participou de uma dessas viagens.

Da mesma forma, um dos convidados ao Segundo Fórum de Partidos Políticos China-CELAC, em Shenzhen, descreve como “impressionante” tudo o que eles viram e tudo o que lhes foi relatado em perfeito espanhol, começando pelo desenvolvimento da cidade que sediou o fórum, a qual passou, em apenas três décadas, de uma pequena aldeia de pescadores a uma moderna metrópole de 13 milhões de habitantes, localizada do outro lado da fronteira com Hong Kong. Visitaram também uma das joias da engenharia chinesa, a ponte de 55 quilômetros que liga Hong Kong a Macau, a sede da empresa Tencent e um dos primeiros “laboratórios do capitalismo”, denominados “Áreas Económicas Especiais”, em Zhuhai. “Impressionante em comparação com nossos países. Eles nos vendiam seu modelo de desenvolvi-

mento implicitamente, através de todas as coisas maravilhosas que nos mostravam; não precisavam fazê-lo explicitamente, apenas projetavam a ideia de que as coisas podem ser feitas se houver vontade política”, explica.

Essa maravilhosa rede de amizades informais é para os comunistas chineses um tesouro estratégico sob a forma de interlocutores leais e influentes por todo o continente. A lua de mel entre a classe política latino-americana e seus homólogos comunistas não é alheia à falta de conhecimento que, salvo raras exceções, permeia as elites regionais no relacionado com a China, sua história, seu capitalismo de Estado, seu modelo de desenvolvimento ou com a natureza e modus operandi do PCCh. Essa lacuna de conhecimento oferece à agrupação comunista a oportunidade de monopolizar, com poucas interferências, o relato sobre a China atual que eles divulgam, por meio de um ambicioso programa de visitas, a fim de que os líderes políticos regionais recebam “treinamento” na China. Nas palavras de Javier Miranda, presidente do partido Frente Amplio, do Uruguai, e um dos aliados regionais do PCCh, trata-se de um aprendizado que “nos permite entender a construção de um povo” e concluir que “o PCCh é um partido confiável”. Esta é uma camaradagem consolidada em suas três viagens à China, em apenas dois anos, e nas relações com várias delegações comunistas que visitaram Montevidéu.²²

Paradoxalmente, diversos estudos mostram que olhar das populações latino-americanas é mais crítico que o de suas elites, pois elas percebem que o papel da China na região pode resultar, não em um crescimento sustentado e prosperidade, mas numa nova dependência.²³ Nesse sentido, o fato de que a classe política latino-americana veja sua relação com Pequim através do prisma do realismo político e das oportunidades que possam surgir, inevitavelmente se traduz em uma quase total ausência de senso crítico quanto à natureza autoritária do regime chinês, à violação dos direitos humanos, aos excessos por trás dos investimentos regionais, às condições dos empréstimos ou à assimetria nas relações comerciais. Não levantar objeções contra os itens acima implica a legitimação tácita do sistema chinês de um partido único.

3 Objetivo: apoiar a política externa da China

A busca de legitimação por parte do PCCh, com o intuito de ser visto como um respeitável ator internacional, e a divulgação de uma imagem positiva da China não são os únicos motivos pelos quais o partido se envolve ativamente com seus pares latino-americanos. Outra razão, não menos importante, é o apoio aos objetivos diplomáticos e à política externa da República Popular. Seu papel não é de subordinação. Pelo contrário, desde que Xi Jinping assumiu o poder e, especialmente a partir do XIX Congresso Nacional do PCCh de 2017, o partido exerce um controle mais direto sobre a agenda externa, o que ocorre em detrimento do Ministério das Relações Exteriores e outros órgãos do Estado. Nesse contexto, ele também confere um maior protagonismo à relação com os partidos políticos estrangeiros, para que estes entendam e respeitem os interesses e valores que o regime considera irrenunciáveis.

Como consequência, tem sido considerável a propagação dos tentáculos diplomáticos do PCCh por toda a América Latina, porém desigual. Ele tem estabelecido relações mais sólidas e frequentes com os países que têm maior importância para Pequim, da mesma forma que globalmente dedica mais atenção ao Japão, Rússia, Vietnã, Índia e outros países de sua periferia. A estes países, o partido destina maiores esforços devido a que as relações com eles costuma ser turbulentas. Assim, a relação com Cuba, o único país do continente americano governado por um partido comunista clássico, tem valor por razões históricas e geopolíticas e, portanto, tem liderado os contatos com o PCCh nas últimas duas décadas (ver anexo). Também têm sido regulares os contatos com as potências econômicas da região e com os países ricos em recursos naturais, especialmente com o Brasil, México e Argentina. No caso da Venezuela, a intensidade dos contatos com esse país é o resultado das relações econômicas e da afinidade geopolítica com Caracas.

Um exemplo de como a atividade interpartidária internacional do PCCh serve para sustentar seus interesses geopolíticos é o estreito relacionamen-

to que cultivou com os partidos dos países aliados de Taiwan, na América Central. Devido à importância que tem para Pequim o reconhecimento internacional de “uma China única”, esses encontros, embora discretos, foram particularmente importantes durante os anos em que Pequim buscava, de forma ativa, isolar diplomaticamente Taiwan. O PCCh manteve sessões de trabalho com os principais partidos da Bolívia, Nicarágua e Uruguai quando, nos anos oitenta, iniciavam-se as relações diplomáticas desses países com a China. Acadêmicos chineses referem-se ao fato de que muitos dos líderes que foram convidados para visitar a China, ao retornarem a seus países, “pressionaram seus governos para que reconhecessem a República Popular”. O mesmo padrão se repetiu ao longo das décadas seguintes.²⁴

Assim, o PCCh tem realizado pelo menos 38 encontros, desde 2002, com os quatro países centro-americanos que, sucessivamente a partir de 2007, decidiram romper com Taipé e estabelecer relações diplomáticas com a China: Costa Rica, República Dominicana, El Salvador e Panamá. Esses contatos serviram na época para sentar as bases da virada diplomática, encabeçada pelo presidente da Costa Rica, Óscar Arias, e posteriormente contribuíram para consolidar a nova relação. No Panamá, um país chave para a China devido aos seus interesses comerciais e geoestratégicos, o PCCh mantém, com o oficialista Partido Revolucionário Democrático (PRD) “laços muito próximos e afetuosos” que datam de épocas anteriores ao estabelecimento de relações diplomáticas.²⁵ No contexto da COVID-19, foi realizado um seminário virtual bilateral de três dias, com a participação de 60 membros de ambos os partidos, no qual não faltou a habitual doação chinesa sob a forma de máscaras e suprimentos médicos.²⁶

No continente hispano-americano, o PCCh também mantém relações políticas relevantes com o Paraguai –único país sul-americano que reconhece Taipé– e com o qual o diálogo ocorre entre os partidos, por não existirem relações formais entre os dois países. Em meio à pandemia, o esquerdista Frente Guasú (FG) terceiro partido nacional, liderado pelo ex-presidente Fernando Lugo, instou o Executivo paraguaio, em abril de 2020, a estabe-

lecer “imediatamente relações diplomáticas” com Pequim e a propor ao país asiático um acordo de “cooperação e intercâmbio entre bens e serviços chineses, para enfrentar a epidemia de coronavírus, e matérias-primas agrícolas e excedentes de alimentos do Paraguai”. A moção formal no Senado, a primeira do gênero apresentada no Paraguai, foi rejeitada. Contudo, deixou um rastro bem claro, uma vez que segundo uma fonte política em Assunção que se pronunciou sob condição de ficar no anonimato: “há uma ligação direta entre o estreito relacionamento de Lugo com o PCCh e a iniciativa legislativa apresentada pelo FG”, afirmou.²⁷

Fica claro, que as relações interpartidárias do PCCh não são meramente protocolares, dado que envolvem o apoio aos objetivos e interesses internacionais da China, dentro de um ambiente mais flexível e informal. A estratégia deu seus frutos: em 2016, em um artigo publicado na revista Qiushi, o PCCh considerou um sucesso o respaldo que 240 partidos políticos e 280 think tanks e ONGs deram à posição da China em sua disputa pela soberania sobre o Mar da China Meridional.²⁸ Em junho de 2020, no marco de uma videoconferência sobre a covid-19 com vários partidos comunistas latino-americanos, o chefe do departamento internacional do PCCh, Song Tao, aproveitou a polêmica gerada poucos dias antes em torno à aprovação da Lei de Segurança Nacional de Hong Kong, para transmitir a versão do partido e concluir enfaticamente que o PCCh “se opõe veementemente a qualquer interferência nos assuntos internos da China”.²⁹

4 A tentação das elites: um modelo eficaz de desenvolvimento sem democracia

Mensagens políticas desta natureza tanto domésticas como internacionais e adaptadas aos diversos públicos estrangeiros a que estão dirigidas são, de fato, cada vez mais frequentes. A mencionada conferência multilateral, organizada pelo PCCh com seus camaradas comunistas, girou em torno da suposta “superioridade dos valores dos partidos comunistas” na luta contra a COVID-19 e ilustra perfeitamente a carga ideológica que o PCCh

tenta infundir a suas atividades interpartidárias na América Latina. Ou seja, uma exaltação do modelo autoritário chinês e dos pontos fortes do partido único, que os líderes do PCCh fazem extensível à luta para erradicar a pobreza, uma narrativa que, de forma indiscutível, permeia a América Latina e o resto do mundo em desenvolvimento.

Este formato foi replicado na cúpula realizada, na modalidade virtual-presencial em setembro de 2020, da qual participaram 200 representantes de 70 partidos políticos, de 16 países latino-americanos. Durante o evento, o PCCh se referiu ao desejo de Pequim de compartilhar sua experiência e seus programas de redução da pobreza para ajudar os países latino-americanos, nesse desafio. Música celestial, aos ouvidos de seus interlocutores, que apenas três semanas depois, voltou a ser tocada em outro seminário para 400 representantes políticos, diplomatas e jornalistas de uma centena de países em desenvolvimento. Após insistir na ideia de que “a liderança do PCCh é uma garantia essencial” para reduzir a pobreza, Song Tao referiu-se à “sabedoria da China”, ao elogiar a contribuição deste país para com o mundo em termos de sua capacidade de reduzir a pobreza.³⁰ O próprio Xi Jinping apontou, em um discurso de 2017, que o socialismo com características chinesas “abre um novo caminho para a modernização de outros países em desenvolvimento”.³¹

Esse discurso tão direto, elogiando o modelo chinês perante suas contrapartes latino-americanas, contrasta com as mensagens muito mais prudentes, do ponto de vista ideológico, que costuma divulgar em outras regiões, especialmente no mundo ocidental. Como no caso da Europa Central, onde o PCCh intencionalmente evita qualquer referência às bondades do comunismo, tão mal recordado em tantos países da órbita soviética, e opta por vincular sua dialética aos laços de amizade, cooperação econômica e conhecimento cultural. Tempos atrás, o PCCh e a diplomacia chinesa se esforçavam por articular um discurso amigável que não fosse percebido como político por seus interlocutores. Mostravam-se até receptivos em aprender sobre os sistemas políticos e modelos de desenvolvimento de outros países. Apenas insistiam, em defesa própria, na ideia

de que “ não existe no mundo um modelo de desenvolvimento aplicável universalmente”³² e na necessidade de evitar “interferências” externas.

Na atualidade, após quatro décadas de crescimento vertiginoso do chamado “capitalismo vermelho”, os líderes comunistas não só estão convencidos de que o modelo chinês é o ideal, como também acreditam que o de Ocidente não é melhor. Portanto, ao mesmo tempo que o regime promove seu modelo de maneira subliminal, surgem cada vez mais críticas explícitas contra o “antiquado” sistema de partidos democrático-ocidental que “representa apenas a uma minoria seletiva” e cujos defeitos estão “destruindo a sociedade ocidental”.³³ Os supostos sucessos de Pequim em sua batalha contra a COVID-19 e contra a pobreza servem de desculpa ao PCCh para mostrar perante terceiros o bom exercício de suas responsabilidades e “iluminar o mundo inteiro”. Grande parte da crescente rejeição de Pequim às receitas ocidentais ocorreu com a chegada ao poder de Xi Jinping, em 2013, e ficou refletida numa circular interna do Comitê Central daquele ano, também conhecida como “Documento número nove”.³⁴ Uma rejeição que inclui uma retórica cada vez mais agressiva.

Esta circular rejeita totalmente como “falsas”, as tendências ideológicas de estilo ocidental, tais como as democracias constitucionais, os valores universais e os direitos humanos, a sociedade civil ou a liberdade de imprensa, e proíbe aos quadros do partido defendê-las.³⁵ Este documento, corroborado pelas ações e narrativas tanto do PCCh quanto do Estado chinês, é um claro indício de que a segunda maior potência econômica do planeta não será, pelo menos no médio prazo, uma democracia liberal. Na América Latina e no mundo em desenvolvimento, e inclusive em certas áreas do Ocidente, não faltam vozes entre as elites que veem na modernização da China, nos últimos quarenta anos, a prova evidente de que o desenvolvimento sem democracia é possível. Soma-se a esta ideia a percepção de que as democracias não estão sendo capazes de responder aos desafios de nosso tempo.

Precisamente neste contexto é necessário decifrar a ânsia do PCCh em promover o projeto

estrela da diplomacia de Xi Jinping: a Iniciativa do Cinturão e Rota (Belt and Road), também conhecida como Nova Rota da Seda. Esta iniciativa, que contempla a construção de infraestruturas em grande escala com o objetivo de criar corredores comerciais no mundo em desenvolvimento, é apresentada oficialmente como um projeto de desenvolvimento global e colaborativo com oportunidades para todos. O que não é mencionado é que, com suas instituições financeiras vinculadas a Pequim, este também é um plano para sentar as bases de uma nova ordem mundial alternativa sob a órbita da China.

Na linguagem do regime comunista trata-se da globalização 2.0. Ou seja, “uma comunidade de futuro compartilhado para a humanidade”, de acordo com a declaração conjunta a qual aderiram alegremente as agrupações políticas estrangeiras que participaram no referido fórum de partidos políticos em Pequim, em 2017. A partir do XIX Congresso Comunista, o Departamento Internacional concentrou todos seus esforços em promover a Nova Rota da Seda e somar adeptos à iniciativa. Para tal fim, em primeiro lugar, foram realizadas uma série de conferências ad hoc, organizadas pelo China Center for Contemporary World Studies (CCCWS), seu think tank orgânico, e por outras entidades de perfil acadêmico que apesar de terem, aos olhos dos seus interlocutores estrangeiros, a aparência de sociedades civis, de fato estão sob o controle direto do partido.³⁶ Em segundo lugar, este tema foi divulgado “numa escala sem precedentes” em reuniões bilaterais com suas contrapartes na América Latina e outras regiões em desenvolvimento.³⁷

Toda essa atividade, liderada pelo PCCh visando convencer o mundo em desenvolvimento dos benefícios do projeto, é vista por alguns observadores como uma versão contemporânea da tática maoísta de “cercar as cidades a partir do campo”. Uma alegoria do encurralamento do inimigo, que teria a aspiração de usar seus aliados no mundo em desenvolvimento para cercar e derrotar o “inimigo” ocidental.³⁸



Engin_Akyurt, pixabay.com

5 Departamento Internacional: aríete da diplomacia do PCCh

No terceiro seminário realizado em 2020 entre o PCCh e o Partido Justicialista Argentino (PJ), o ex-chanceler de Cristina Kirchner e atual Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, Jorge Taiana, comunicou ao chefe do departamento internacional do partido chinês que a ex-presidente negociaria a adesão da Argentina à Iniciativa Cinturão e Rota. O anúncio não surpreende tanto pela decisão de Buenos Aires de se somar à aliança chinesa, fato evidente dado o rumo tomado pela relação bilateral nos últimos anos, quanto ao fato de ter sido tomada no contexto de uma reunião interpartidária. Isso põe em evidência o protagonismo do Departamento Internacional no relacionado com a promoção da Iniciativa Cinturão e Rota e, de modo mais geral, o papel de guia exercido no apoio aos objetivos da política externa da China.

O Departamento Internacional é um dos quatro órgãos que dependem do Comitê Central do PCCh. Uma de suas incumbências é estabelecer relações diplomáticas com partidos políticos do mundo inteiro, tarefa para a qual não poupa

esforços nem recursos e cumpre de acordo com as motivações descritas nos parágrafos anteriores. O aspecto mais visível da sua atividade diz respeito – sem lugar a dúvidas – as cimeiras, conferências, seminários, visitas e encontros multilaterais e bilaterais que organiza para estabelecer uma relação estreita com suas contrapartes estrangeiras. É um exemplo na América Latina da fecundidade desses laços políticos é a lua-de-mel com o Partido Justicialista argentino. Uma amizade alicerçada nos últimos anos e reforçada com múltiplos encontros realizados entre ambas as partes, em 2020, inclusive com a doação de 50.000 máscaras.

Tudo isso evidencia - nas palavras do próprio PJ – o entendimento mútuo em diversos aspectos: desde a concepção de justiça social até o multilateralismo.

Uma amizade e sintonia exemplares, enquanto sirvam plenamente ao que o PCCh espera de seus aliados políticos internacionais, especialmente no relacionado com a legitimação que proporcionam ao regime. Essa irmandade construída ao longo dos anos ganhou um impulso decisivo em 2016, quando o deputado nacional José Luis Gioja

assumiu a presidência do PJ. Desde aquele ano, seis delegações do partido argentino viajaram à China, a convite do PCCh, e com financiamento do partido, para conhecer in situ as singularidades de seu sistema político-econômico.

É neste clima de camaradagem política entre as duas agrupações que devemos entender a razão pela qual os dirigentes do PJ defendem publicamente, com inusitada frequência, o aliado autoritário. O senador Taiana, que viaja com frequência ao país asiático, aderiu à teoria de que o vírus “já circulava muito antes” de que surgisse o surto em Wuhan, isentando assim a China de sua suposta responsabilidade. Seu colega Gioja foi além: “A China é, em seu estilo, uma democracia”, afirmou.³⁹

E esse comentário não foi um deslize: seu correligionário Francisco Cafiero, atual secretário de Assuntos Internacionais para a Defesa com uma longa relação com a China que data da época de sua presidência no think tank CLEPEC e de sua vice-presidência na COPPAL, justificou assim o vínculo de seu partido com o PCCh: “A linha política do PJ é cooperar com os diferentes partidos democráticos do mundo”. Apesar do bom relacionamento com o partido no poder, os comunistas chineses, mestres na arte de estabelecer cumplicidades com partidos de todo o espectro ideológico, construíram pontes também com a agrupação de centro-direita Proposta Republicana (PRO). Em meio a elogios, mútuos, as delegações de ambos os partidos sobrevoaram pelo menos sete vezes o Pacífico, entre 2016 e 2018. O presidente do PRO, Humberto Schiavoni, em um artigo do jornal *El Clarín* intitulado “China, uma bússola para o nosso desenvolvimento”, rebateu aqueles que questionavam a ligação entre dois partidos ideologicamente incompatíveis: “Essa contradição não existe. Esse tipo de discurso surge do preconceito”, escreveu.

O exemplo da Argentina não é o único na América Latina, mas é um dos mais reveladores da influência que o Departamento Internacional exerce na classe política local. O chefe deste departamento, Song Tao, não esconde que o trabalho externo do partido tem tido um “papel destacado e eficiente” na diplomacia chinesa, com “vantagens únicas” na orientação da política internacional ao serviço

dos interesses centrais do PCCh e da nação.⁴⁰ Isso não é obstáculo para que o órgão comunista desfrute de uma imagem não agressiva e até benevolente aos olhos de suas contrapartes estrangeiras, dado que baseia sua interação com elas na persuasão e na cortesia. No entanto, é importante entender que seu afazer não pode ser separado do repertório de atividades de influência internacional, algumas muito menos amigáveis, que o partido projeta e realiza. O Departamento Internacional participa desse mecanismo, embora isso não seja evidente para seus interlocutores.

Ainda que a ponta visível do iceberg seja sua interação pública com seus aliados políticos estrangeiros, por debaixo da linha d’água, o PCCh realiza atividades de influência de cunho autoritário. No exterior, as chamadas operações da “frente unida” têm a missão de manipular, em benefício do partido, atores políticos e outros atores para conseguir ter legitimidade, gerir possíveis ameaças ou mobilizar seus simpatizantes.⁴¹ O alvo de suas operações são, por um lado, as diásporas chinesas nos países receptores, que são incentivadas convenientemente a participar apoiando de forma ativa o PCCh; e, por outro, as influentes personalidades nacionais, especialmente os atores políticos, embora não exclusivamente. Levadas para a arena política, essas atividades estão focadas na construção de relações com o objetivo de se apropriar e manipular as elites, os indivíduos influentes e as organizações, com a finalidade de moldar seus discursos e tomadas de decisão.⁴²

Desde que Xi Jinping assumiu o poder, não é apenas o Departamento Internacional que se viu fortalecido em sua missão de construir um consenso favorável a Pequim entre os partidos políticos estrangeiros. O trabalho da “frente unida” que é especificamente realizado pelo Departamento de Trabalho da Frente Unida (UFWD), mas é uma “tarefa fundamental” de todos os órgãos do PCCh e de todos os militantes, também foi consolidado. “O trabalho diplomático do Departamento Internacional, em apoio às estratégias da “frente unida”, teve muito sucesso com Jiang Zemin e Hu Jintao. No entanto, é com Xi Jinping que existe uma política agressiva para promover as ambições geoestratégicas do Cinturão e Rota e o “destino comum para

a humanidade” dominado pela China”, aponta Charles Burton, especialista em PCCh, no Instituto Macdonald-Laurier. Uma política que “tem sido reforçada com sua diplomacia de guerreiro lobo”, prossegue referindo-se à crescente agressividade diplomática de Pequim. “A China não é mais amigável em suas relações internacionais. Seus líderes abandonaram o poder brando em favor do poder incisivo. A era da ‘amizade recíproca’ acabou com Xi Jinping”, acrescenta.

6 Associações de amizade, o outro pilar das operações de influência

Além do Departamento Internacional do PCCh, existe outra organização mais difícil de decifrar, que se transformou em outro pilar das operações políticas da “frente unida”, e que também desempenha um papel determinante na formação de alianças táticas com políticos estrangeiros. Responde, em meio a uma complexa rede de associações de amizade de todos os tipos, ao nome de Associação do Povo Chinês para a Amizade com Países Estrangeiros (CPAFFC, na sigla em inglês). Entre outras funções⁴³, ela tem a missão de estabelecer relações tanto com os grupos de amizade criados com a China em parlamentos estrangeiros, quanto com os governos locais. É uma entidade híbrida: por um lado, está subordinada ao Conselho de Estado e é gerida pelo Ministério das Relações Exteriores, embora não esteja subordinada a ele; por outro, como corresponde a uma “organização do povo”, é muito próxima do PCCh.⁴⁴

Prova disso é que a CPAFFC tradicionalmente tem sido dirigida pelos chamados “jovens príncipes” (princelings, em inglês), os descendentes dos líderes históricos do PCCh, o que torna a entidade o núcleo central do partido. O analista Jichang Lulu a define como “a principal organização da ‘diplomacia do povo’ no sistema de relações exteriores do PCCh”, cujo modus operandi transita por canais informais para promover a diplomacia oficial. O aspecto mais visível de sua atividade, que faz parte do trabalho da “frente unida”, é identificar e estabelecer laços com as elites políticas estrangeiras para que estas divulguem as narrativas

do partido, desviem as críticas negativas relacionadas à imagem da China e exibam as virtudes do PCCh. Em termos destes objetivos, na arena política o enfoque está na manutenção de um relacionamento próximo com os grupos de amizade com a China, criados nos parlamentos nacionais. Esta tarefa é compartilhada com uma série de organizações chinesas que também interagem, não necessariamente de forma coordenada, com os parlamentares estrangeiros.⁴⁵

Atualmente, na América Latina existem doze grupos de amizade com a China. E, embora suas relações evoluam geralmente de forma tranquila e discreta, em ocasiões podem vir à tona casos em que fica retratada a firmeza com que age o país comunista, em geral por meio de seu corpo diplomático, quando as coisas não transcorrem como esperado. Um desses casos aconteceu no Peru durante a cúpula da APEC de 2016, quando Xi Jinping recebeu a Medalha de Honra da Grã-cruz do Congresso peruano. Marco Arana, deputado da esquerda do partido Frente Amplio, opôs-se à homenagem em razão da natureza política do regime chinês e dos “riscos do neocolonialismo chinês”. Em meio à unanimidade da classe política peruana a favor da China, a postura indisciplinada do congressista provocou a reação do embaixador chinês, que em uma reunião “descomedida em termos de protocolo” o acusou de “não avaliar adequadamente a importância dos investimentos chineses num momento difícil para a economia peruana” e o instou a não interferir nos assuntos internos da China.⁴⁶ A relação com Pequim é estratégica para o Peru: o gigante asiático é seu primeiro parceiro comercial e, ao mesmo tempo, o maior investidor dominando, entre outros setores, o da mineração e do petróleo.

O episódio não acabou aí, uma vez que o diplomata, em outra situação posterior, mostrou exatamente o valor que a China atribui às relações que cultiva na esfera legislativa. Apoiado pelo falecido ex-presidente peruano Alan García, o Partido Aprista Peruano (APRA) tornara-se o principal interlocutor e aliado do PCCh no Peru. Graças essa relação, membros do APRA e do centro de estudos vinculado ao partido eram periodicamente convidados para visitar a China, e recebiam

doações do CCPh.⁴⁷ Uma circunstância que serviu ao embaixador para enviar um aviso claro ao APRA, mesmo tendo sido a bancada do Frente Amplo a que ameaçou protestar contra Xi Jinping. Se ocorrer algum incidente em Lima, advertiu, nenhum dos aliados do APRA voltará a pôr os pés na China e os projetos programados entre eles irão por água abaixo.⁴⁸

No Parlamento do Chile, país membro de um grupo de amizade com a China na região, a diplomacia chinesa conseguiu estabelecer laços muito estreitos com toda a classe política, inclusive com as agrupações que são manifestamente anti-comunistas. Para Pequim, se o sistema político chinês não for questionado e seus interesses econômicos não forem prejudicados, a ideologia poderá ficar em segundo plano. Mas “se você alertar sobre a situação política interna na China, sobre as graves violações dos direitos humanos ou sobre quão perigosa pode ser a entrada de capitais chineses na América Latina, cairá em desgraça”, explica Jaime Naranjo, deputado socialista do congresso chileno e crítico feroz da ditadura chinesa. Naranjo denuncia o “silêncio cúmplice” dos partidos políticos chilenos, que relaciona com o “constante turismo parlamentar com destino à China, que existia antes da pandemia”.⁴⁹

No entanto, Naranjo adverte: “Nada é de graça. Os chineses cobram o “pedágio” depois. É um investimento que busca neutralizar as vozes dissidentes. É uma diplomacia que busca silenciar e que tem tido sucesso nesse sentido porque, cada vez que há, no Congresso chileno, um projeto de resolução contrário à China – por ex., devido à situação em Hong Kong – o embaixador rapidamente convoca os deputados. E chama a atenção também o fato de que muitos desses legisladores que viajaram para a China se abstiveram de votar ou se ausentaram no momento da votação”, finaliza. Por um lado, o meticuloso trabalho diplomático da CPAFFC, assim como de outros atores do partido Estado e, por outro, a percepção das elites locais de que a China é economicamente insubstituível, explicam por que os partidos políticos latino-americanos não manifestam publicamente opiniões críticas com relação ao regime de Pequim. A combinação é fatal.

7 A modo de conclusão: a missão de decifrar a China

Foi mencionado anteriormente que a opinião pública latino-americana tem uma visão bastante menos amigável da China do que as elites regionais. No entanto, essa circunstância não impediu que a China obtivesse um sucesso indiscutível em sua estratégia de sedução das elites regionais. Estas se deixaram convencer não só dos efeitos positivos da pujança do gigante asiático, sem prestar a devida atenção aos efeitos secundários, mas também acreditam no preceito - elevado à categoria de dogma - de que o clima político deve ser o melhor para Pequim para que as relações comerciais deem frutos.

Com a finalidade de persuadir à classe política, os líderes do PCCh têm tido uma especial habilidade em adotar posições atrativas, tanto à esquerda quanto à direita do leque ideológico, para assim construir, sem grandes resistências, sua influência na região.⁵⁰ Tudo isto acontece num contexto em que os partidos políticos estão vivendo uma crise de representatividade e perdendo relevância na América Latina, onde a nova política está cada vez mais ligada a atores e indivíduos específicos, e não a plataformas partidárias. Em meio à corrupção política e à crescente insatisfação com a democracia, surge o fantasma do caudilhismo político na América Latina. Um ambiente de confusão no qual a diplomacia chinesa se movimenta como um peixe na água.

A China está perfeitamente posicionada nesta nova era política prevista para a região. Fato que não é apenas corroborado pela atividade desenfreada do PCCh descrita nestas páginas. Diferentes órgãos do Estado e inúmeras instituições chinesas de todos os tipos também mantêm laços estáveis com seus parceiros da América Latina. Uma expansão e uma variedade de esforços, liderados pelo PCCh, que são complexos e difíceis de decifrar, mas cujo funcionamento e efeitos é imperativo entender. Em meio à ofensiva diplomática do PCCh e do estado chinês, que não tem paralelo na região, esta é uma missão que deveria ser liderada principalmente por partidos políticos e instituições.

Anexo. Encontros do Partido Comunista da China com partidos políticos da América Latina, 2002-2020^a

	2020 ^b	2019	2018 ^c	2002-2017 ^d
Argentina	3	5	2	14
Bolivia	0	1		5
Brazil	3	8	1	40
Chile	1	8		10
Colombia	0	2		20
Costa Rica	0	0		19
Cuba	2	7	2	47
Ecuador	0	1		14
El Salvador	0	1		4
Guatemala	0	0		1
Honduras	0	0		1
Mexico	2	1		19
Nicaragua	0	0		0
Panama	3	1	1	4
Rep. Dom.	0	2		3
Paraguay	0	0	0	2
Peru	1	2	1	14
Uruguay	1	1		18
Venezuela	5	2		12
Others ^e	3	5	1	
Total	24	47	8	247

- a Compilação que inclui as reuniões de membros do PCCh com representantes de partidos e organizações políticas da América Latina, bem como com deputados e senadores de parlamentos latino-americanos. Exclui reuniões com funcionários eleitos do Estado, embaixadores e acadêmicos.
- b Compilação até outubro de 2020.
- c O site do Departamento Internacional do PCCh não coleta os encontros com partidos políticos estrangeiros em 2018. Os dados incluídos na tabela correspondem a notícias publicadas em diferentes meios de comunicação e são apenas uma pequena fração das que realmente aconteceram.
- d Número de reuniões entre o PCCh e representantes de partidos políticos latino-americanos, excluindo aquelas realizadas com legisladores eleitos da América Latina. Fonte: Informações complementares do relatório *The Struggle for Minds and Influence: The Chinese Communist's Global Outreach (2002-2017)*, por Christine Hackenesch e Julia Bader, <https://academic.oup.com/isq/article/64/3/723/5855278> e Inclui: 1) Iniciativas multilaterais em que participaram partidos políticos latino-americanos sem identificar; 2) Cimeiras regionais como o Diálogo de Partidos Políticos China-CELAC de 2018, ao qual assistiram representantes de 60 agrupamentos políticos da região e 3) Encontros com organizações regionais de partidos políticos como a ODCA e COPPPAL.

Fontes:

- * Site em inglês do Departamento Internacional do PCCh (anos 2019-2020), <https://www.idcpc.org.cn/english/news>. A informação publicada pelo Departamento Internacional do PCCh deve ser considerada como uma compilação mínima, uma vez que este site não recolhe todos os encontros efetivamente realizados.
- ** Informação suplementar do relatório *The Struggle for Minds and Influence: The Chinese Communist Party's Global Outreach (anos 2002-2017)*, de Christine Hackenesch e Julia Bader, <https://academic.oup.com/isq/article/64/3/723/5855278>. Os 247 encontros contabilizados pelas autoras, entre 2002 e 2017, referem-se a todos os encontros nos quais a filiação a um partido político foi expressamente mencionada, inclusive os realizados com legisladores, sempre que a referida filiação for registrada.
- *** Compilação de notícias por autor, baseadas em dados publicados pelo Departamento Internacional do PCCh e por fontes jornalísticas. Inclui os encontros do Departamento Internacional do PCCh com delegações partidárias latino-americanas e encontros com legisladores de parlamentos nacionais da região.

Notas

- 1 A Chamada conjunta dos partidos políticos para a cooperação internacional na luta contra a covid-19 está disponível em espanhol na conta do Partido Justicialista Argentino na plataforma Medium, <https://medium.com/@rriipjnacional/llamamiento-conjunto-de-los-partidos-pol%C3%ADticos-a-la-cooperaci3n-internacional-en-la-batalla-contra-5ado54df8587>
- 2 A esse respeito, em abril de 2020, Hu Zhaoming, diretor e porta-voz do Bureau de Informação Pública e Comunicação do Departamento Internacional do Comitê Central do Partido Comunista Chinês (PCCh), observou em sua conta no Twitter que o PCCh “doou suprimentos médicos e ajuda humanitária a 70 partidos políticos em mais de 40 países.”
- 3 Sobre a campanha de propaganda da China em relação à pandemia, veja Propaganda chinesa para um cenário pós-covid-19, de Juan Pablo Cardenal, publicado pela CADAL em 11 de maio de 2020, <https://www.cadal.org/informes/pdf/Propaganda-China-para-un-escenario-post-Covid19.pdf>
- 4 Uniting Political Parties Worldwide to Cooperate in the Global Fight against COVID-19 Pandemic, China Insight, Special Issue on CPC’s 99th Anniversary, 2020. Esse artigo, cuja fonte é um texto publicado na revista Qiushi, menciona que “600 personalidades de mais de 300 partidos políticos e organizações políticas, em mais de 130 países, expressaram seu apoio a Xi e ao Comitê Central do PCCh por meio de telegramas, declarações e artigos”. Acessível em: <https://www.idcpc.org.cn/english/chinainsight/202007/P02020070260928752834.pdf>
- 5 A partir da análise de fontes em espanhol, inglês e mandarim, chegou-se à conclusão de que a relação completa dos partidos políticos signatários da declaração conjunta não está disponível na Internet. O fato de não ter sido tornado público alimenta especulações sobre o perfil minoritário de muitas das partes signatárias, se não sobre a veracidade dos dados, especialmente quando a carta enviada pelo PCCh, para conseguir apoio internacional, menciona expressamente sua intenção de tornar públicos os nomes das partes signatárias.
- 6 O montante foi revelado por Fu Jie, vice-diretor do Bureau para a América Latina e Caribe do Departamento Internacional do PCCh, em entrevista à televisão estatal chinesa. Fonte: “Intercâmbios na nuvem: Fu Jie afirma que é em tempos difíceis quando se comprova uma verdadeira amizade entre amigos”, CGTN, 22 de setembro de 2020, <https://espanol.cgtn.com/n/2020-09-22/EBICIA/fu-jie-afirma-que-es-en-tiempos-dificiles-cuando-se-comprueba-la-amistad-ver-dadera-entre-amigos/index.html>
- 7 Da compilação da informação fragmentada publicada, pelo menos os seguintes partidos políticos latino-americanos assinaram a declaração conjunta promovida pelo PCCh: na República Dominicana, o Movimiento Izquierda Unida; na Argentina, o Partido Justicialista, a União Cívica Radical, a Proposta Republicana (PRO), o Partido da Solidariedade e o Partido Comunista; no Brasil, o Movimento Democrático, o Partido dos Trabalhadores, o Partido Comunista, o Partido Socialista e o Partido Democrático Trabalhista; no Chile e em Cuba, o Partido Comunista; no Uruguai, a Frente Ampla; e no Paraguai, a Frente Guasú. Diversas fontes, entre outras O comunismo chinês, o peronismo e os partidos políticos de todo o mundo clamam por uma união global contra covid-19, Sputnik Mundo, 4 de abril de 2020.
- 8 Alberto Anaya, presidente do Partido Trabalhista Mexicano, declarou que a luta da China contra a epidemia permitiu ao mundo ganhar tempo para a prevenção e controle da epidemia global, além de ter “compartilhado ativamente sua experiência com a comunidade internacional e estendido generosamente uma mão amiga a muitos países, pelos qual expressamos nossos sinceros agradecimentos.” Fonte: 中联部有关负责人同墨西哥劳动党主席阿纳亚通电话, site do Departamento Internacional do Comitê Central do PCCh, 15 de abril de 2020, <https://archive.vn/zfOsn>. Outro exemplo é a nota do Movimento Esquerda Unida da República Dominicana emitida em 1º de outubro de 2020 por ocasião do aniversário da fundação da República Popular da China, cujo início se lê da seguinte forma: “1º de outubro de 1949 é uma data memorável que marca um acontecimento histórico e relevante para o valente povo chinês e para o mundo, uma ocasião em que, sob a liderança do líder, (o) Presidente Mao Zedong e a sábia liderança do Partido Comunista da China, juntamente com o Exército Popular de Libertação, alcançaram a vitória e o grande objetivo da fundação da República Popular da China”. Acessível em: <https://www.facebook.com/RDMiu/>
- 9 Anne-Marie Brady, Making the Foreign Serve China: Managing Foreigners in the People’s Republic, Rowman & Littlefield Publishers, 2003. Nesse trabalho, o autor destaca que o sistema de relações exteriores da China “é caracterizado por amigos e inimigos, internos e externos, o que reflete uma profunda desconfiança e desconforto com o mundo externo”.
- 10 Shicheng Xu, Evolución de las relaciones entre el PCCh y los partidos de América Latina, Amigos de China, número 11, outubro 2012.
- 11 Shicheng Xu, Evolución de las relaciones... o. cit.
- 12 Dada a fragmentação da informação disponível e a natureza da fonte principal, os dados constantes do parágrafo anterior, bem como os incluídos no anexo, devem ser considerados uma compilação mínima. Os “encontros” referem-se a nomeações, entrevistas e eventos realizados entre o Departamento Internacional do Comitê Central do PCC e representantes de partidos políticos ou legisladores eleitos da América Latina. Latina.
- 13 Dado de outubro de 2017 a outubro de 2018. Fonte: Julia G. Bowie, International Liaison Work for the New Era: Generating Global Consensus?, Party Watch Annual Report 2018, Center for Advanced China Research, <https://www.ccpwatch.org/single-post/2018/10/18/party-watch-annual-report-2018>
- 14 Sobre el poder incisivo de China, ver Sharp Power: Rising Authoritarian Influence in the Democratic World, de Christopher Walker, Jessica Ludwig e outros autores, publicado em dezembro de 2017 na National Endowment for Democracy. Acessível em: <https://www.ned.org/sharp-power-rising-authoritarian-influence-forum-report/>
- 15 Ting Shi, China Gets 300 Political Parties to Endorse Xi as Peacemaker, Bloomberg, 4 de dezembro de 2017, <https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-12-04/china-gets-300-political-parties-to-endorse-xi-as-peacemaker>
- 16 Sebastian Grundberger y Thomas Schaumberg, Los partidos latinoamericanos en el foco de China, Diálogo Político, 30 de setembro de 2020, <https://dialogopolitico.org/agenda/los-partidos-latinoamericanos-en-el-foco-de-china>
- 17 Fonte: Declaración del Segundo Foro de Partidos Políticos China-CELAC, realizado em Shenzhen, em 27 de maio de 2018, <http://pa.china-embassy.org/esp/sgxx/t1565002.htm>
- 18 A reunião do Fórum foi realizada em 8 e 9 de dezembro de 2015 em Pequim com a participação de 58 representantes

- de 27 partidos políticos de 26 países latino-americanos e do Caribe. Fonte: Partido Comunista de China se compromete a formar líderes políticos em América Latina, La República, 9 de dezembro de 2015, <https://www.larepublica.ec/blog/2015/12/09/partido-comunista-de-china-se-compromete-a-formar-lideres-politicos-en-america-latina/>
- 19 Entre outros programas destinados a jovens líderes da região, o Centro Latino-americano de Estudos Políticos e Econômicos da China (CLEPEC), fundação vinculada ao kirchnerismo com sede em Buenos Aires, recebeu desde sua criação, em 2013, bolsas e financiamento de Pequim para capacitar seus jovens políticos sobre China. Um dos que recebeu treinamento e cultivou um relacionamento muito estreito com a China foi Francisco Cafiero, vice-presidente da COPPAL, ex-presidente do CLEPEC e atual secretário de Assuntos Internacionais de Defesa da Argentina. Também neste país, representantes da Fundação Contemporânea, ligada informalmente a partidos de centro-direita, receberam treinamento na China para formar a próxima geração de dirigentes argentinos. Fonte: Juan Pablo Cardenal, El "poder incisivo" de China en América Latina y el caso argentino, CADAL, 12 de marzo de 2018, https://www.cadal.org/libros/pdf/El_Poder_Incisivo_de_China.pdf
 - 20 Shixue Jiang, A New Look at the Chinese Relations with Latin America, Nueva Sociedad, núm. 203, 2006.
 - 21 Shicheng Xu, "Evolución de las relaciones...", o. cit.
 - 22 Líder del Frente Amplio de Uruguay cree que AL debe 'aprender' política de alivio de la pobreza de China, Xin-hua, 20 de setembro de 2020, http://spanish.xinhuanet.com/2020-09/20/c_139381943.htm
 - 23 A. Bohigues y S. Morgenstern, Covariance of Latin American Elite Attitudes Towards the USA and China. En M. Alcántara M., M. García Montero y C. Rivas Pérez (eds.), Politics and Political Elites in Latin America. Latin American Societies (Current Challenges in Social Sciences), Springer, Cham, https://doi.org/10.1007/978-3-030-51584-3_9
 - 24 Shixue Jiang, A New Look at..., o. cit. De acordo com este autor, quando a Nicarágua restabeleceu seus laços diplomáticos com Taiwan em 1990, o PCCh rompeu relações com esse país centro-americano. Por outro lado, em 2012 o CCPh manteve relações com mais de 20 partidos, em 10 dos 12 países latino-americanos que na época reconheciam Taiwan.
 - 25 China destaca nexos com Panamá en donación de mascarillas para enfrentar covid-19, Xinhua, 3 de julho de 2020, http://spanish.xinhuanet.com/2020-07/04/c_139187803.htm
 - 26 No contexto da covid-19, a China anunciou a doação de máscaras para diferentes países da América Latina. Um dos doadores foi o CCPh, junto com embaixadas, empresas estatais e privadas, governos municipais ou provinciais e associações de amizade. Parte das doações foi destinada a partidos políticos da América Latina. Na Costa Rica, cinco grupos políticos foram investigados pela Justiça por terem aceitado 5.000 máscaras cada um, o que é proibido pela legislação eleitoral do país centro-americano. Fonte: Luis Manuel Madrigal, Fiscalía e TSE investigan donación china de mascarillas a partidos políticos y diputados, Delfino, 6 de agosto de 2020, <https://delfino.cr/2020/08/fiscalia-y-tse-investigacion-donacion-china-de-mascarillas-a-partidos-politicos-y-diputados>
 - 27 O ex-presidente Lugo anunciou, dois dias depois de ganhar as eleições de 2008, sua intenção de estabelecer relações diplomáticas com a China. No entanto, a fonte consultada pelo autor aponta que sua aproximação com a Bolívia e a Venezuela o impediu, em um país de opinião pública socio-logicamente conservadora que teria se oposto e resistido ao abandono de uma Taiwan democrática e ao reconhecimento da China comunista, de seguir em frente com essa ideia. Isso não impediu Lugo de construir "com o PCCh um relacionamento mais próximo agora do que quando ele era presidente". Atualmente "existem atores em todos os partidos, inclusive no Partido Vermelho, que promovem as relações diplomáticas com a China", conclui a fonte.
 - 28 Julia G. Bowie, International Liaison Work for... o. cit.
 - 29 Song Tao, Ponencia del Partido Comunista chino. Cuadernos Marxistas, edição especial El pueblo primero: superioridad de valores de los partidos comunistas en el combate contra covid-19, junio de 2020, <http://www.elcefma.com.ar/wp-content/uploads/2020/06/Cuadernos-Marxistas-Ed.-Especial-China-AL.pdf>
 - 30 Os títulos dos dois seminários são representativos do verniz ideológico que o PCCh dá a suas atividades internacionais. O primeiro foi realizado em 22 de setembro de 2020 sob o título "La historia del Partido Comunista chino: el camino del socialismo con características chinas de Xi Jinping hacia la filosofía de una 'Nueva Era' en Guizhou". Nesse seminário os comunistas chineses garantiram que "No final deste ano, a pobreza rural será completamente eliminada" da China. A segunda, realizada em 12 de outubro de 2020 sob o título "Erradicación de la pobreza y responsabilidad de los partidos políticos". Fontes: Informes semanales 3/47 e 4/1, do Center for Advanced China Research, acessíveis respectivamente em <https://www.ccpwatch.org/single-post/2020/09/28/weekly-re-port-347-9192020-9262020> y <https://www.ccpwatch.org/single-post/weekly-report-4-1-10-10-2020-10-16-2020>
 - 31 Citado em Move over, America. China now presents itself as the model 'blazing a new trail' for the world, de Simon Denyer, The Washington Post, 19 de outubro de 2017.
 - 32 Declaración del Segundo Foro..., o. cit.
 - 33 Sheng Zhong, China's new type of party system enlightens the world, People's Daily, 12 de março de 2018, <http://en.people.cn/n3/2018/03/12/c90000-9435991.html>
 - 34 Mais informações sobre o Documento número nove em D. Matthew Johnson, Safeguarding socialism: The origins, evolution and expansion of China's total security paradigm, Sinopsis, 11 de junho de 2020, <https://sinopsis.cz/en/johnson-safeguarding-socialism/>
 - 35 Clive Hamilton e Mareike Ohlberg, Hidden Hand: Exposing How the Chinese Communist Party is Reshaping the World, Oneworld Publications, 2020.
 - 36 Para obter uma descrição detalhada das entidades chinesas que organizam e promovem a Iniciativa Cinturão e Rota consulte Nadège Rolland, Mapping the footprint of Belt and Road influence operations, Sinopsis, 12 de agosto de 2019, <https://sinopsis.cz/en/rolland-bri-influence-operations/>
 - 37 Christine Hackenesch y Julia Bader, The Struggle for Minds and Influence: The Chinese Communist Party's Global Outreach, International Studies Quarterly, vol. 64, núm. 3, setembro de 2020, <https://doi.org/10.1093/isq/sqaa028>. As autoras contabilizaram 390 encontros entre o PCCh e partidos políticos do mundo todo nos quais foi abordada, entre 2014 e 2017, a temática do Cinturão e Rota.
 - 38 Clive Hamilton y Mareike Ohlberg, Hidden Hand: Exposing..., o. cit.
 - 39 José Luis Gioja: Venimos charlando con el partido comunista chino, Radio Rivadavia, 16 de agosto de 2020, <https://rivadavia.com.ar/noticias/incorrectamente-politicos/jose-luis-gioja-venimos-charlando-con-el-partido-comunista-chino>

- 40 Entrevista com Song Tao publicada em 28 de setembro de 2019 em People's Daily, a qual se refere o relatório semanal 3/1 do Center for Advanced China Research. Acessível em: <https://www.ccpwatch.org/single-post/2019/10/07/Weekly-Report-31-9282019-1042019>
- 41 Mais informações sobre o trabalho da frente unida em Exploit Every Rift: United Front Work Goes Global, de Anne-Marie Brady, publicado no relatório anual de 2018 do Center for Advanced China Research, https://docs.wixstatic.com/ugd/183fcc_5dfb49b2dde492db4002f4aa90f4a25.pdf
- 42 Alex Joske, The Party speaks for you, Australian Strategic Policy Institute, 9 de junho de 2020, <https://www.aspi.org.au/report/party-speaks-you>
- 43 Outra de suas principais funções é construir pontes com governos locais no exterior. Esta é uma relação essencialmente política, que muitas vezes serve para facilitar o acesso a instâncias políticas nacionais e, eventualmente, para influenciar governos nacionais. Uma das atividades em que o CPAFFC participa é nos acordos de irmandade entre cidades chinesas e estrangeiras. Atualmente, são 77 irmandades de cidades chinesas com 63 cidades em 10 países latino-americanos, especificamente no Brasil (27), México (15), Argentina (10), Chile (8), Equador (5), Peru (3), Costa Rica (3), Uruguai (2), Cuba (2), Bolívia (1) y Colômbia (1). Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_twin_towns_and_sister_cities_in_China
- 44 Para obter mais informações sobre as associações de amizade chinesas e sua conexão com o trabalho da "frente unida", consulte Repurposing democracy: the European Parliament China friend-ship cluster, de Jichang Lulu, Sinopsis, 26 de novembro de 2019, <https://sinopsis.cz/en/ep/>
- 45 De acordo com a compilação do autor, os seguintes países latino-americanos estabeleceram grupos de amizade com a China em suas sedes legislativas: Brasil, México, Argentina, Costa Rica, Panamá, Cuba, República Dominicana, Chile, Colômbia, Uruguai, Peru e Equador.
- 46 Juan Pablo Cardenal, El poder blando de China en Perú, CADAL, 29 de abril de 2019, <https://www.cadal.org/informes/pdf/El-poder-blando-de-China-en-Peru.pdf>
- 47 A imprensa peruana noticiou que o Partido Comunista Chinês doou quantias próximas de USD100 mil ao Partido Aprista Peruano em 2008, ano em que o Peru e a China estreitaram laços e selaram um acordo de livre comércio. Mais informações em: Partido Comunista China financia a partido en el poder en Perú, El Economista, 21 de enero de 2009, <https://ecodiario.economista.es/global/noticias/982961/01/09/Partido-Comunista-China-financia-a-partido-en-el-poder-en-Peru.html>
- 48 Quadros da APRA e membros do Centro de Estudos da Ásia-Pacífico viajaram periodicamente para a China, durante anos, a convite das autoridades chinesas, uma consequência da estreita relação entre seu líder Alan García e o resto do partido com o PCCh e outras organizações e entidades políticas, acadêmicas e diplomáticas do partido-estado. Eram viagens com todas as despesas pagas, inclusive valores para despesas pessoais, das quais participaram quadros e jovens líderes do APRA, do Partido Popular Cristão de centro-direita e de outras agrupações políticas, além de jornalistas, membros do judiciário e acadêmicos, entre outras personalidades, segundo relataram ao autor, fontes próximas ao APRA.
- 49 Fonte: entrevista concedida por Jaime Naranjo ao autor.
- 50 A. Bohigues y S. Morgenstern, Covariance of Latin American Elite..., o. cit.



Juan Pablo Cardenal

Jornalista e pesquisador especializado na internacionalização da China.

É coautor de *La silenciosa conquista china* (Crítica, 2011) e *La imparable conquista china* (Crítica, 2015), obras traduzidas para doze idiomas, entre outros livros e capítulos. Pesquisador associado do Centro para a Abertura e Desenvolvimento da América Latina (CADAL), também é autor de vários estudos sobre o poder incisivo da China e da Rússia na América Latina.

Foi correspondente na China durante uma década. Atualmente, investiga os efeitos da presença política e econômica da China, na América Latina, suas campanhas de propaganda e desinformação e sua influência global. Ministra conferências e seminários, e publica artigos sobre esse sujeito em alguns dos principais jornais internacionais. Seu último livro é *La telaraña: la trama exterior del procés* (Ariel, 2020), no qual aborda a crise política na Catalunha.